

FLOREAL: MANIFESTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO

Donizete Lopes¹

A única crítica que me aborrece é a do silêncio.

Lima Barreto

Lima Barreto foi um autor de personalidade complexa, ambivalente e disposto a lutar pela autonomia de sua escrita, ao mesmo tempo que se reconhecia inapto e incapaz de realizar tal propósito, dado seu desempenho na sociedade em que estava inserido ou devido a sua origem étnica e social. O escritor, sob a influência de Carlyle, entendia a literatura como missão, um sacerdócio, e capaz de fazer comunicar umas almas e outras, dando-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, ligando-as fortemente, reforçando, desse modo, a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquistar o planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. Desde o início de sua carreira literária como amanuense na Secretaria da Guerra, a literatura de Lima Barreto já apresentava traços de uma literatura de oposição, em busca de pertencimento, contra a exclusão, e que surgia na contramão do modelo imposto pela Academia Brasileira de Letras. Sempre acusado de cometer erros gramaticais em suas

publicações consideradas descuidadas, as obras do escritor eram geralmente custeadas por ele mesmo. Barreto sempre apresentou, em sua defesa, que o afastamento do formalismo em favor da oralidade era proposital. Para ele, interessava a fala popular presente nas ruas e no cotidiano das massas. O escritor oscilava entre se ajustar aos cânones vigentes, desafiando-os, e compor os círculos literários oficiais, tendo que criticá-los. Para Lima Barreto, o jornalismo, a literatura, a intervenção social e o debate político eram fundamentais no conjunto de sua produção, uma vez que, para ele, escrever significava se apresentar socialmente, atuar. Lima conviveu com o silêncio a respeito de seus escritos, por desafinar do “coro dos contentes”. Viveu o cancelamento, quando ainda não era moda cancelar alguém. Barreto foi um autor que fez de sua escrita um manifesto contra o academicismo e formalismo literário, de tal modo, que foi apontado pelos modernistas paulistas como um de seus pares.

Na passagem do século XIX para o XX, para ser mais preciso, nas primeiras décadas do período republicano, o jovem escritor Lima Barreto tomou para si a literatura como missão, quis traçar seu próprio destino, quis ser ouvido. Insistiu em publicar-se. Naquele início dos novecentos, a Imprensa foi transformada em indústria: mercado editorial. A circulação em massa de imagens fotográficas estampavam revistas cada vez mais populares, capazes de encantar os leitores que

viviam nas cidades onde essas publicações eram acessíveis, tanto quanto os leitores que viviam distantes dos centros urbanos. Embora as revistas não fossem uma novidade nos primeiros anos do século XX, é a partir desse momento que estas ganham maior espaço e relevância. A qualidade do papel e da impressão, associada ao amplo espaço reservado às imagens, em grande parte coloridas e a periodicidade, semanal, quinzenal e até mesmo mensal, contribuíram para o sucesso das revistas nos meios de imprensa. Na época, publicações como a *Revista da Semana* (1900), *O Malho* (1902), *Fon – Fon* (1907) e *Careta* (1908), atingiam números expressivos de tiragens semanais de mais de 50 mil exemplares.

É nesse ambiente que Lima Barreto inicia seu projeto literário. O escritor publicou a maior parte de sua obra em revistas, a edição em formato de livro só viria muito tempo depois, postumamente. Barreto colaborou na *Fon – Fon* em 1907. Apesar de ser uma revista de grande circulação, o autor não teve ali acolhida desejável para seus textos; naquela redação, assinava com pseudônimos (prática comum nos periódicos da época), porém a experiência obtida abriu um caminho para o ofício literário. A possibilidade de publicar de forma independente e autoral levou Barreto a criar e dirigir um periódico: o *Floreal*. A revista nasceu de sua insatisfação com parte da imprensa e o tipo de literatura nela veiculada. Eram jornais que monopolizavam o meio literário da época, fosse pelo academicismo em curso, ou pela futilidade diária disfarçada de notícia. No entanto, o principal objetivo de *Floreal* era a criação de espaço para publicação de textos autorais como *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, texto a partir do qual dirigiu duras críticas aos poderosos jornais diários em atividade no Rio de Janeiro. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*

veio ser o primeiro romance do escritor.

Floreal nasceu como um periódico composto de artigos com temas polêmicos relacionados à moral, questões de ordem política e social, discussão sobre estudos científicos, crítica literária, reflexões acerca do anarquismo e socialismo, além de textos literários, como contos, crônicas e poemas. A revista era puramente literária, não obstante ser ferreamenta de enfrentamento ao tipo de jornalismo que era feito nas primeiras décadas da República. A criação de *Floreal* foi resultado de um esforço coletivo. Barreto e um grupo de novos escritores como ele fizeram investimentos para custear a impressão e circulação do periódico. Cada colaborador investiu uma quantia média de 10 a 20 mil-réis. A revista contou com a colaboração de doze escritores em busca de espaço para escrever e publicar. O grupo de colaboradores era formado por Afonso Henriques de Lima Barreto (diretor do periódico), ao lado de Antônio Noronha, Domingos Ribeiro Filho e outros escritores também contrários à hegemonia dos círculos fechados das principais revistas da época. *Floreal* era a expressão do pensamento livre, um combate à superficialidade, uma recusa às injunções de escolas “malocas literárias”. A primeira edição de *Floreal* chegou ao mercado editorial em 25 de outubro de 1907 (sábado). A proposta era que a publicação fosse uma revista bimestral de Crítica e Literatura. O primeiro volume tinha formato pequeno, 15X22 cm, era composto de trinta e nove páginas, abordava temas diversos e custava \$ 500 réis, valor avulso. A capa foi impressa em preto e branco, e trazia informações como: o ano (I); o número de edição (1); a identificação da revista (*Floreal*) grafada com letras que sugerem um tom oriental; a periodicidade (Publicação bi – mensal); assunto (Crítica e literatura); o nome do diretor (Lima Barreto);

1 Licenciado em Letras pelo Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG (2005) com Pós - graduação Lato Sensu em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas pelo Instituto Cuiabano de Educação - ICE (2007). É mestrando do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários - PPGEL (2020). Leciona na rede pública de ensino para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio (SEDUC) e na rede privada de ensino (Cursos Pré - Vestibular) em Cuiabá.

endereço da Redação (Rua Sete de setembro, 89 – 1º andar); local e ano de publicação (Rio de Janeiro - 1907). As quatro edições de *Floreal* tinham como lema a busca pela autenticidade e recusa aos padrões estabelecidos pela grande Imprensa. As críticas não eram destinadas, de modo geral e incisivo, aos produtores de texto jornalístico. Algumas redações eram alvo preferencial dos editores, pelo fato de representarem a degeneração da notícia e ineficiência do jornal naqueles dias. *Floreal* foi o projeto de um grupo de jovens intelectuais que se conheceram durante a vida acadêmica e que continuaram se encontrando nas redações de algumas revistas literárias, além de manterem essa amizade no ambiente dos cafés. O projeto primava pela inserção desses novos autores no meio literário, sem abrir mão do conteúdo e do compromisso com a literatura. Na apresentação da revista, Lima Barreto escreve: “Não se destina, pois, a *Floreal* a trazer a público, obras que revelem uma estética novíssima e apurada, ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente suas opiniões, sobretudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado. É uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas, com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar suas preferências, comunicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos quaisquer que sejam”.

Os meios de imprensa deram pouca ou quase nenhuma atenção ao aparecimento da revista, com exceção de artigo publicado por Gonzaga Duque, e pequenas e discretas notas em alguns jornais. *Floreal* teve pequeno número de tiragens. A primeira edição vendeu trinta e oito exemplares, o segundo número oitenta e dois exemplares, a terceira edição seguiu o baixo número de vendas, porém, recebeu breve elogio em artigo de José Veríssimo

em coluna crítica no *Jornal do Commercio*. Provavelmente, a ausência de mundanismo, assuntos superficiais com vistas ao entretenimento, a inexperiência dos jovens escritores dados à vida boêmia e a falta de recursos financeiros decretaram o desaparecimento de *Floreal*, extinta na quarta edição. Na terceira edição de *Floreal*, Barreto é enfático em relação aos jornais e a imprensa que eram menos do que um cinematógrafo, uma *féerie*, “uma espécie de mágica, com encantamentos, alcapões e fogos de bengala, destinadas a alcançar, a tocar, a envolver o maior número de pessoas”. Naquele contexto, a pequena revista não teria condições de encontrar um número de leitores capaz de sustentá-la, ainda que o escritor e seus companheiros cultivassem com plena convicção a “grandeza da literatura, todo o seu alcance e destinos superiores”.

A revista *Floreal* é um testemunho da falta de oportunidade para novos escritores que iniciavam no ambiente jornalístico e literário da época e a necessidade angustiante daqueles que pretendiam ser lidos e publicados. Barreto e seu grupo combateram a imprensa que admitia apenas nomes ilustres. Imprensa de celebridade, de interesses pessoais, a serviço da publicidade e conchavos políticos. Enfim, *Floreal* decidiu não seguir os padrões impostos pelo mercado editorial e cumpriu com o propósito para o qual foi criada: ser um espaço para se publicar e projetar uma carreira literária. É possível notar o posicionamento de seus editores e o alinhamento com alguns intelectuais que serviram de influência para os membros do periódico, como Anatole, Brunetière, Carlyle e Tolstoi. A revista criada por Lima Barreto foi uma tentativa de inserção e diálogo com as transformações ocorridas na Imprensa e demais setores sociais nos primeiros tempos da República. Devido ao comportamento do autor frente às imposições sociais

e busca por autonomia de sua produção literária, Lima Barreto ficou esquecido por parte da crítica durante décadas, e não caiu em total ostracismo devido ao empenho de pesquisadores como Francisco de Assis Barbosa, Antônio Arnoni Prado, Beatriz Resende, Nicolau Sevcenko, Lilia Schwartz e Felipe Botelho, para citar alguns. Barreto atuou nos meios de imprensa do Rio de Janeiro entre os anos de 1905 a 1922, ano de sua morte. Sua escrita jornalística e literária têm caráter transgressor, militante, combativo. Lima Barreto, a despeito de suas contradições, já é considerado um parente próximo dos escritores que fizeram a Semana de Arte Moderna.

Lima Barreto, provavelmente, foi o primeiro escritor da República a combater o escapismo decorativo e aristocrático dos que entendiam que a cultura deveria ser privilégio de uns poucos eleitos e não um bem acessível, comum a todo o povo. O escritor demonstrava várias inquietações pelo fato de não testemunhar os valores de igualdade que deveriam advir da Abolição da Escravatura (1888) e da Proclamação da República (1889), sendo postas em prática nos âmbitos político e social no país. Essas inquietações e frustrações fizeram o jornalista, cronista e romancista carioca da primeira república seguir numa cruzada literária com o intuito de combater ideias e práticas elitistas de mentalidades que ainda insistiam em produzir, segundo ele, um regime colonial. A cruzada literária de Lima Barreto não atacou apenas esse problema. Ao longo de toda sua trajetória, o escritor tinha planos de produzir uma literatura que discutisse a situação do povo negro e as questões indigestas presentes na sociedade brasileira. Os livros abordariam os temas voltados à escravidão e suas consequências. No entanto, esse compromisso primeiro se estendia para muito além das questões de marginalização e preconcei-

tos em relação aos negros, preocupava-se também com a alienação das classes sociais mais baixas. Lima Barreto sempre viu a escrita como uma missão, produzindo uma vasta obra como um escritor público que fazia das palavras, armas essenciais ao combate. Daí o escritor empregar constantemente o termo *militante* para definir a função de sua escrita. Em um de seus textos Lima escreve: “Nosso tempo é de literatura militante, ativa em que o palco e o livro são tribuna para as discussões mais amplas de tudo o que interessa ao destino da humanidade”. A literatura militante é central na obra de Barreto, que menciona o tema em vários de seus artigos, além de citar os autores que exerceram influência sobre suas ideias e escrita, a respeito do que era ser escritor e produzir literatura combatente. Dentre os pensadores, destacava-se o francês Ferdinand Brunetière, diretor da publicação francesa *Revue des Deux Mondes*, na virada do século XIX para o XX, no qual Lima Barreto encontra o ideal de literatura que deve ser produzida com uma função social. Para Brunetière, o papel da literatura era de se engajar com tudo o que interessava ao uso da vida, à direção da conduta e ao problema do destino das diferentes sociedades, em linguagem inteligível para todos. A literatura, segundo o pensador, deveria transpor e traduzir o que não estava necessariamente claro para os cidadãos em geral, de modo que as obras literárias deveriam utilizar uma linguagem acessível e cativante, cuja finalidade seria atingir um maior número de leitores, tratando de questões que fossem do interesse dos mesmos, ainda que estes não estivessem necessariamente conscientes da importância de tais questões. Esse era, segundo ele, o objetivo da arte de escrever. Lima Barreto ancorou sua prática literária em uma prática de vínculo humanista de base cristã, de entendimento mútuo em uma sociedade de massas.

Ao apresentar o *Floreal* como um manifesto artístico literário modernista, o faço sem a pretensão da última palavra, o faço a partir da compreensão adquirida com o acesso à fortuna crítica do autor. Embora Barreto apresente contradições ideológicas como ser o crítico mordaz da burguesia reacionária, iconoclasta de tabus, demolidor da hipocrisia, ao passo que no mesmo contexto se mostrava resistente às formas típicas de modernização presentes no Rio de Janeiro de sua época, como a construção dos arranha-céus, o futebol e a presença do cinema, não se pode negar que o escritor fez da literatura sua razão de ser e existir. O esforço de Lima Barreto em se fazer publicar revela que sua trajetória dialoga com a trajetória de escritores que tiveram sua voz cassada e silenciada, a imaginação violentada, brutalizada e reprimida. A leitura da obra

de Lima Barreto nos revela não apenas o seu valor literário, mas, sobretudo, o posicionamento de quem soube combater e resistir às contradições que delineavam a sociedade que o silenciava e marginalizava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNETIÈRE, Ferdinand. Études critiques sur l'histoire littérature française. 6ª ed. Paris: Librairie Hachette, 1907.
- CARLYLE, Thomas. Os heróis. 2ª ed. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 25 out. 1907a.
- FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.3, 12 nov. 1907c.
- RESENDE, Beatriz. Impressões de leitura e outros textos críticos – 2ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: Triste visionário. – 1ª Ed. - São Paulo: Cia das Letras, 2017.

Leia também!

Suplemento Literário de Mato Grosso

Suplemento Literário de Mato Grosso Edição 74

Nódoa no Brim

LANÇAMENTO
EDIÇÃO 74
MARÇO/2022

Amazônia Legal (poema) Na lata Marina Tadorelli e Silva	Ensaio Falas, desejo e movimento Lucinda Pessoa
Carta ao escritor Carta à escritora Divanize Carbonieri Clube da Leitura	Artigo Na Pele, de Luciene Carvalho (2020) A representação poética e política da mulher negra Maria Cleunice Fantinati e Elisabeth Battista
Conto Correnteza Divanize Carbonieri	Artista Visual Convidado Alice Pereira
Literamato (resenha) Por uma poética da melanina Paula Simone Fernandes Esteves	

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Moldonado

PPGEL
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

12 ABR
TERÇA 19hMT

Geração Coxipó

AS GUERRAS TRIBAIS DA LITERATURA
MATO-GROSSENSE

UM DOCUMENTÁRIO DE
Eduardo Mahon

Transmissão pelo YOUTUBE
Revista Pixé Canal Literário

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Moldonado

PPGEL
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

LINK: <https://www.youtube.com/c/RevistaPixeCanalLiterario>

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

Jornal "O Combate"

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chieregatto

Colaborador deste número: Donizete A. Lopes

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

PPGEL

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000